



Revista do Instituto de Estudos
Brasileiros
ISSN: 0020-3874
revistaieb@usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

de Souza Maia, Iano Flávio
Na rua, na tela, no ciberespaço a mídia de cada dia de jovens da periferia de Natal
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 56, junio, 2013, pp. 173-198
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641278008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Na rua, na tela, no ciberespaço a mídia de cada dia de jovens da periferia de Natal

Iano Flávio de Souza Maia¹

Resumo

No bairro do Guarapes, periferia oeste de Natal, no Rio Grande do Norte, um grupo de jovens se organizou na cultura *hip hop* para buscar a paz em sua vizinhança. Para contar suas histórias e fortalecer a organização do seu próprio lugar, formaram a Posse de Hip Hop Lelo Melodia. Em 2009, instalaram a Bodega Digital, uma espécie de telecentro que dava acesso à *internet* e fornecia outras ferramentas de produção cultural e midiática. Em nossa pesquisa de mestrado, buscamos traçar relações entre a ação político-cultural dos jovens da Posse e sua participação nos espaços midiáticos, especialmente na *internet*. Neste artigo, desvendamos o cotidiano midiático desses jovens e exploramos algumas das estratégias adotadas por eles para burlar bloqueios surgidos em seus movimentos entre as ruas e o ciberespaço.

Palavras-chave

Comunicação, juventudes, *hip hop*, *internet*, periferia.

Recebido em 31 de outubro de 2012

Aprovado em 12 de março de 2013

MAIA, Iano Flávio de Souza. Na rua, na tela, no ciberespaço: a mídia de cada dia de jovens da periferia de Natal. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 56, p. 173-198, jun. 2013.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p173-198>

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Natal, RN, Brasil).

Streets, Screens, Cyberspace

The Youth's Everyday Media in Outskirts in Natal

Iano Flávio de Souza Maia

Abstract

In the neighborhood of Guarapes, western outskirts of Natal, Rio Grande do Norte, a youth group was organized around hip hop culture to seek peace in their neighborhood. To tell their stories and strengthen the organization of your own place, they formed a group named Posse de Hip Hop Lelo Melodia. In 2009, the group installed the Bodega Digital, kind of telecentre that granted access to the *internet* and provided other tools to media and cultural production. In our master's research, we looked for tracing relationships between political and cultural youth actions and their participation in media spaces, especially on the *internet*. In this article, we intend to unveil the daily media usage of these youths and explore some of the strategies adopted by them to bypass blockages in their movements arisen among the streets and cyberspace.

Keywords

Communications, youth, hip hop, internet, outskirts.

Aproximações

bairro do Guarapes fica na Zona Oeste de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Nos caminhos da cidade, é, literalmente, o último bairro antes dos limites com os municípios de Macaíba, São Gonçalo do Amarante e Parnamirim. No trajeto, a paisagem natural das dunas de areia avermelhada de um lado, do outro, o mangue exuberante e o rio Jundiaí, justo no momento em que encontra o rio Potengi. É lá onde tudo termina (ou começa?).

Do alto de um mapa, o bairro não é tão distante da Zona Sul, área nobre da cidade, onde ficam as belas praias oferecidas aos turistas, além do campus universitário da UFRN. Nas ruas da cidade, tudo é bem diferente. De ônibus, principal meio de transporte dos mais de 10 mil habitantes do lugar, pode se levar até duas horas de um extremo a outro. Nos diversos conjuntos habitacionais e ocupações mais, menos ou nada regulares que forma o Guarapes, vive uma população de maioria jovem e que convive de forma pouco harmoniosa com o resto dos bairros da capital. Do poder público, nada além de uma infraestrutura precária de saúde, educação, mobilidade urbana e lazer. Dos cidadãos natalenses, a falta de conhecimento, o preconceito e o medo da criminalidade e da violência, problemas que migraram do Guarapes para outras regiões da cidade, mas que até hoje estigmatizam os que vivem por aqui.

No fim da manhã de uma quarta-feira, o ambiente silencioso do Guarapes destoa da ideia geral de cidade grande. As casas se alinham ao longo da rua. Não vemos calçadas até a saída do ônibus 587 – linha que liga o bairro até um terminal no bairro vizinho de Felipe Camarão –, quando as ruas se reconvertem no caminho dos pedestres, espaçosas calçadas onde é possível parar, conversar e descobrir os primeiros caminhos do Guarapes.

A rua e o asfalto ganham novos sentidos naquele lugar. Uma prática comum desde os indígenas latino-americanos que “usavam as leis, as práticas ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não os dos conquistadores”². Certeau convoca o conceito de táticas para dizer que, em menor grau: “o mesmo processo se encontra no uso que os meios ‘populares’ fazem das culturas difundidas pelas ‘elites’ produtoras de linguagem. Os conhecimentos e as simbólicas impostos são o objeto de manipulações pelos praticantes que não seus fabricantes”³.

Esses movimentos são, para Milton Santos, frutos de uma esquizofrenia do território e acolhem os vetores da globalização e, ao mesmo tempo, instalam uma contraordem a partir dos processos de exclusão e marginalização presentes, principalmente, na periferia das grandes cidades.

Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que, segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contra face do pragmatismo. Assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é, também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar ser outra coisa.⁴

E foram esses desejos de transformação, a vontade de “ser outra coisa”, que nos trouxeram para um encontro no bairro do Guarapes: de um lado, eu, há muito frequentador do ciberespaço em meu computador pessoal. Do outro, um grupo de jovens de um bairro da periferia que precisou travar uma série de batalhas para dominar uma precária janela no território cibernético da *internet* como parte de um processo de busca coletiva pela paz em sua comunidade.

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 94.

³ Idem, *Ibidem*, p. 95.

⁴ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 114.

Eram os primeiros movimentos da pesquisa de mestrado⁵, realizada entre 2010 e 2011 no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN. O grupo de jovens em questão era a Posse de Hip Hop Lelo Melodia (PH2LM), criado em 2005 para aglutinar iniciativas anteriores no bairro que buscavam promover uma cultura da paz e afastar a juventude dos caminhos da violência e criminalidade.

A partir de 2007, o grupo desenvolveu uma série de iniciativas que buscavam garantir o acesso da população aos computadores e à *internet*. Além disso, pretendiam qualificar o espaço para a produção de conteúdos musicais e audiovisuais. Em 2009, a PH2LM aprovou, através de editais públicos, a instalação de um ponto de cultura que, além do acesso aos computadores e à *internet*, seria equipado com instrumentos para produção musical e audiovisual. O nome do espaço: Bodega Digital. Este, acreditávamos, seria o local ideal para encontrar as respostas necessárias à nossa pesquisa.

Naquele momento, a inclusão digital de comunidades carentes ganhava lugar privilegiado no discurso político do poder público e de entidades não governamentais, o que terminou por converter-se em ações pulverizadas por todo o país. O acesso à rede mundial de computadores passou a ser uma questão indispensável à cidadania com o lançamento, em 2010, do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), que tem como objetivo expandir a infraestrutura de rede e popularizar o acesso à *internet*.

Plano que surtiu pouco efeito no bairro do Guarapes. Não há infraestrutura básica para *internet*, algumas operadoras de telefonia celular nem mesmo garantem sinal para chamadas de voz na localidade. O único serviço de acesso à *internet* é prestado de forma precária por uma empresa instalada em outro bairro e que redistribui o sinal por antenas de rádio. A velocidade de acesso é muito baixa, ao contrário dos preços cobrados pelo serviço.

Em 2012, eram poucas as residências que possuíam computadores, menos ainda as que podiam conectá-los à *internet*. As escolas públicas tinham laboratórios de informática, mas a prefeitura não renovava o contrato de acesso à *internet*. No bairro, havia um telecentro público de acesso, mas as limitações impostas pelo programa de inclusão digital, mantido pela prefeitura, e o roubo da maior parte dos computadores afastavam os usuários da rede, que preferiam pagar pelo acesso em uma das *lan houses* do bairro.

5 MAIA, Iano Flávio de Souza. *Do hip hop ao ciberespaço: interações midiáticas em jovens da periferia*. 2011. 97f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

As dificuldades de conexão também dificultaram a implantação do telecentro da PH2LM. A solução veio do programa Gesac, que provê conexão à *internet* via satélite, mas os tempos conectados não durariam muito – o telecentro funcionou até 2009 em um prédio alugado, mas foi obrigado a mudar de endereço para não pagar mais aluguel. Assim, a “Bodega Digital” teve que pagar o preço de ficar desconectada, já que o programa Gesac não permitiu a mudança e desligou os equipamentos. Desconectados, os jovens buscaram suas saídas para o ciberespaço. A mim, restava dar outro jeito de responder aos meus questionamentos.

Era preciso descobrir metodologias que nos permitissem observar as práticas midiáticas cotidianas, compreendidas como os usos que os jovens do grupo fazem, de forma individual ou coletiva, das mídias presentes no seu dia a dia. Sejam os meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão, sejam os usos midiáticos da *internet*, ou mesmo os usos relacionados à mídia, como o consumo de música e filmes em CDs e DVDs.

Interessava-nos desvendar o que esses jovens levavam da rua ao ciberespaço e, na via inversa, como traziam à rua o que conquistavam por lá. Pois, como bem lembrado por Canclini, “as redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado a distância, ou, talvez imaginá-lo”⁶.

Assumimos então, que não poderíamos entender os movimentos da juventude midiatisada se somente buscássemos as respostas na própria mídia, ou se assumíssemos discursos paternalistas que negassem a capacidade cidadã dos indivíduos. Reconhecemos o novo posicionamento do conceito de comunicação na compreensão do fenômeno midiático, que deixou de ser assunto exclusivo da cultura, uma vez que a economia e a política estão diretamente envolvidas no que se produz⁷.

Optamos então por uma pesquisa com coordenadas precisas no bairro do Guarapes para a observação do panorama global das políticas públicas de comunicação no Brasil. Políticas cujas propostas, por mais globalizantes que sejam, se materializam somente no plano local, no cotidiano. “Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro”⁸.

6 CANCLINI, Nestor. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008, p. 54.

7 MARTIN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

8 SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

Depois de uma série de desvios nas rotas da pesquisa, descritos em outros trabalhos⁹, optamos por iniciar observações participantes no grupo vivo e pulsante, sem tentar assujeitá-lo para que coubesse nos nossos objetivos de pesquisa¹⁰. Nesse processo de observação, contamos com uma série de ferramentas e conceitos provenientes da antropologia, como a prática da descrição densa da etnografia¹¹, sem que tivéssemos a intenção de realizar um estudo etnográfico.

Além de desconectado da rede mundial de computadores, o grupo de jovens acabou se desarticulando por conta de dificuldades no processo de implantação do telecentro. Não era só difícil encontrar os jovens conectados, mas também reuni-los enquanto Posse de Hip Hop. Optaríamos, então, por adensar nossas temáticas de pesquisa através de entrevistas aprofundadas e encontramos na técnica da “entrevista episódica”¹², um mecanismo para alcançar os espaços onde não pudemos, efetivamente, transitar. O método foi desenvolvido para analisar o impacto das mudanças tecnológicas na vida cotidiana, um objetivo que dialoga com nossa proposta.

Definido o roteiro e já iniciadas as primeiras observações, trataríamos de mapear nossos possíveis entrevistados¹³. Tentamos compor um grupo que representasse os múltiplos grupos que se formaram dentro da Posse: DJs e produtores musicais, grafiteiros, dançarinos e politicamente atuantes, com os mais antigos e os mais recentes no grupo. Por fim, seis jovens cumpriam os requisitos imaginados. Desses, quatro deles (Preto, Afro, Rafa e Dina) nos apoiaram em entrevistas exploratórias – fundamentais não apenas para angariar informações sobre o grupo e sua atuação, mas também para ganhar legitimidade e conseguir acesso para realizar a pesquisa – e atuaram como informantes ao longo de todo o trabalho de pesquisa. Três deles (Dina não pôde participar) e ainda outros dois jovens (Binho e Zezão) participaram da entrevista episódica. Além disso, Preto, Zezão e Dina nos trouxeram informações históricas

9 MAIA, Iano Flávio de Souza. *Do hip hop ao ciberespaço*, op. cit; _____. Espaços e ciberespaços dos jovens da periferia. In: *Anais, XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2012 [CD-ROM]*.

10 TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação; PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

11 GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

12 FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som – um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

13 Todos os participantes desta pesquisa foram identificados por nomes fictícios.

e políticas sobre a formação e a atuação da Posse. As entrevistas seriam realizadas, em sua maioria, na própria Bodega Digital, entre os dias 27 de abril e 20 de maio de 2011.

Os posseiros

Encontrar os jovens da PH2LM não seria uma tarefa fácil, de início. Não adiantava muito buscá-los pela *internet* ou em redes sociais, pouco resolvia escrever-lhes *e-mails* – uma resposta podia levar dias e as pesquisas não podiam esperar tanto. Na *internet*, cada DJ, B Boy (ou B Girl), cada grafiteiro, cada dançarino tornavam-se muitos, multiplicavam-se de acordo com as vontades de cada momento. Nas redes sociais, boa parte deles perdia seus nomes e tentava construir uma nova identidade que valorizasse, na rede, o mundo real onde viviam: um filho querido, o verso de uma música, um codinome quase secreto...

Os telefones celulares também podiam não ser muito eficientes. Com o sinal precário no bairro, era comum que os aparelhos ficassem fora do ar. Além disso, mais importante que manter o número, era aproveitar uma nova promoção e conquistar bônus para chamadas gratuitas. Uma agenda com os telefones dos posseiros do *hip hop* se desatualizava rapidamente. Resolvemos, então, começar pelo endereço oficial da PH2LM: a Bodega Digital. Em tempos de desarticulação do grupo, o fim de semana era o melhor momento para encontrá-los em atividade.

Em um sábado pela manhã, era quase certo encontrar o DJ Rafa e o Afro na oficina de *break*. Crianças, entre nove e dezesseis anos acompanhavam as batidas da música, saltavam, rodopiavam, flexionavam o corpo, quase desafiavam a gravidade ao som de uma melodia que podia ter sido totalmente produzida ali mesmo, pelo próprio DJ Rafa e seu grupo. Trilha sonora criada nas tardes de domingo, quando um dos grupos da Posse se encontrava para produzir músicas novas, ensaiar para uma apresentação ou preparar as bases para o improviso dos MCs nas festas. O ritmo, a melodia, as letras, tudo acontecia ali na cozinha da Bodega Digital.

Mas a Posse de Hip Hop Lelo Melodia é muito maior que a Bodega Digital. Se reuníssemos todos os posseiros, a bodega seria pequena. Para participar do grupo, não há ficha de inscrição, nem ritual de passagem. Segundo os cálculos de Dina, uma das coordenadoras, o grupo tem cerca de cinquenta participantes, desde crianças de sete anos de idade a “jovens de quarenta”. Mas é verdade que muitos estavam lá desde a formação do grupo e, desses, alguns assumiam mais responsabilidades. Ao longo da

semana, por exemplo, Rafa e Afro se revezavam para dormir na Bodega e, assim, tentar melhorar a segurança do local. Dina e Preto ficavam responsáveis pela articulação entre as redes e a solução de problemas burocráticos com os financiadores de projetos. Além de participar das oficinas de *break dance* e grafite, as crianças e adolescentes ajudavam a arrumar e limpar a bodega depois das aulas, mesmo que ninguém as obrigasse a fazer isso.

Este era apenas o primeiro sinal de que havia uma lógica política alternativa à racionalidade estratégica tradicional. O senso de pertencimento ao grupo cobrava, ainda que de maneira frouxa, uma responsabilização e também uma filiação a ideais de uma sociedade mais solidária e pacífica. A organização em torno do *hip hop* trazia experiências artísticas conectadas com a vida cotidiana e promoviam, nesses jovens, deslocamentos físicos e cognitivos que os permitiam repensarem sua própria existência social¹⁴.

Na voz de cada posseiro, a Posse assumia múltiplos papéis. Para alguns deles, o grupo surgia de forma bem concreta, para outros, o significado do grupo tocava mais fundo. Cada um atribuía um sentido a partir do seu cotidiano na Posse, a partir do espaço que o grupo ocupava em suas vidas e do trabalho que desenvolviam por lá.

Afro não tinha outra ocupação. Na Posse, além de ser monitor das oficinas de *break*, era o coordenador pedagógico e responsável pelo intercâmbio com as famílias das crianças e adolescentes e participava do revezamento da vigilância noturna da casa. Até o namoro das meninas mais jovens era preocupação para ele. “As mães me pedem para dar conselhos para elas”, diz ele. No dia a dia, não saía muito do Guarapes, mas a correria era grande. Era comum encontrá-lo às pressas pelas ruas para resolver um problema com a creche ou avisar o novo horário do ensaio nas casas de todas as crianças e adolescentes do grupo. Ele ainda levava e trazia as crianças menores para os ensaios e oficinas. Com uma relação tão intensa, os afetos afloravam na sua descrição da Posse:

A Posse e a galera do movimento é tipo uma família. Tipo não, a gente é mais que uma família [...] tanto de conviver junto, a gente pegou aquela amizade, é mais que amizade. Quando a gente forma uma estrada, a gente “tudinho”. A gente faz reunião no domingo, que dá pra todo mundo se ver. A gente briga, mas é aqui [na Posse

14. TAKEUTI, Norma. Movimentos culturais nas “periferias” e inventividades sociais. In: MARTINS, Paulo Henrique; MEDEIROS, Rogério (Orgs.). *América Latina e Brasil em perspectiva*. Recife: UFPE, 2009; _____. Refazendo a margem pela arte e política. *Nómadas*, Bogotá: Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Universidad Central, n. 32, p. 15-26, 2010.

– aponta para o chão], mas para mim é a minha segunda família. Pau pra toda obra. É o que eu gosto, me identifico. Não me vejo noutro espaço (Afro, 39 anos).

O DJ Rafa era parceiro de Afro nas oficinas de *break*, mas seu principal interesse na Posse era a produção musical. Ele até passava “alguns toques” para os meninos e também dançava, mas o que prevalecia era a produção musical. Ele dominava as ferramentas de sintetização de áudio, criava as bases com a percussão e outros instrumentos, compunha as melodias e também escrevia as letras. Poderia ser um grupo de *rap* de um homem só, porém, para ele, isso não combinava com a Posse, um

grupo de jovens que cada um tem seu dever pra fazer. Aprender dança. Eu tenho meu dever de fazer uma produção pra encaixar uma música de alguém. E ficar interligado com a galera. Bater um papo, saber o que tá acontecendo, falar da “quebrada” (Rafa, 19 anos).

Binho andou meio sem tempo para a Posse. Trabalhou em outra área, era auxiliar de cozinha, mas não gostava muito. “A posse pra mim é uma experiência, trabalhar com aquilo que eu quero, que eu gosto de desenhar, gosto de grafitar, e é muito difícil trabalhar [arrumar trabalho] com aquilo que você gosta” (Binho, 27 anos). Além disso, viver da própria arte não era um modo de vida compatível com a necessidade da sobrevivência imediata, especialmente para um artista marginal popular, que expressava uma crítica à ordem estabelecida¹⁵. Entretanto, a participação no grupo, para ele, não era só um trabalho, era também um espaço de libertação. “Antes eu era tímido, mas depois que eu entrei na Posse eu fiquei um pouco mais solto, sem ter medo de falar, sem ter medo de pensar, e expressar o que eu sinto” (Binho, 27 anos).

Pouco antes da nossa entrevista, Binho organizara uma oficina de grafite e havia conseguido reunir vinte jovens, mas a necessidade de trabalhar para se manter e a falta de tintas e materiais dificultaram o trabalho. Mesmo assim, ele não perdeu o contato com o grupo:

Eles pedem, “quando é que vai ter aula de grafite?”. Sempre mantendo contato com eles. Eles gostaram das oficinas e viram que realmente têm futuro, é uma forma também de tirar da

¹⁵ CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

marginalização e, aqui é fatal, o bairro periférico, se você não tiver nada pra fazer, a sua mente pede outras coisas, qualquer outra coisa que não seja interessante pra ele, que seja proibida, eles entram, então a Posse é boa por causa disso também, por que atrai os jovens e faz com que eles esqueçam aquela marginalidade evitando transtornos futuramente (Binho, 27 anos).

Afro, Binho e Rafa tinham histórias diferentes, mas compartilhavam, além do bairro onde vivem, as dificuldades de se enquadrarem nos modos de vida que a cultura dominante tentava lhes impor seja no mercado de trabalho, seja na formação escolar, ou mesmo nas oportunidades de emprego. O movimento constante de formação e transformação das identidades sofre influência de todo esse contexto, que também se transforma e sofre influências da mídia¹⁶. A participação na PH2LM lhes garante um conjunto novo de valores que os credenciam a circular de cabeça erguida pelas ruas do bairro, que permitem que assumam o seu papel de cidadãos em debates políticos e apontem possibilidades reais de transformação dos espaços onde, antes, não conseguiam se encaixar.

A história de Zezão com a Posse é um pouco diferente, mas guarda em comum a mesma dificuldade de se encaixar em seu papel. Ele não era morador do Guarapes. Nunca foi. Ele vivia em um bairro próximo e só chegou ao Guarapes em 2003, depois de aprovado em um concurso público que o levou a trabalhar por lá. Era guarda municipal na unidade de saúde e ouvia, de longe, os ensaios do então Grupo Periférico Suburbano, o GPS, precursor da Posse, que ensaiava no salão comunitário que ficava por trás do prédio. As primeiras aproximações de Zezão com os jovens do *hip hop* no Guarapes não eram as mais agradáveis:

Pra eles se entusiasmar cada vez mais, eles iam lá e aumentavam o som. E muitas vezes, o som incomodava o médico que queria escutar uma batida do coração de uma criança, [...]. E muitas vezes pediam pra eu ir lá solicitar a eles que baixassem o som [...] Aí, sem problema mediava a situação, eles iam, baixavam, comprendiam, sempre pedia de uma maneira educada e tal, não truculenta quanto os outros companheiros, e nisso foi conquistando o respeito e amizade deles, né? E me interessando pelo grupo, uma vez que já fiz parte de movimento gremista na escola e tal, no

¹⁶ CANCLINI, Nestór. *Consumidores e cidadãos*. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006; HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

grupo estudantil e sempre tive essa questão ideológica de contribuir com os processos políticos, de não querer fazer justiça, mas, tá entendendo?, cobrar, né?, dos gestores o papel deles em relação aos nossos direitos, né?, enquanto cidadão (Zezão, 36 anos).

Zezão era parceiro de Binho no grafite. Ele ajudou a organizar as oficinas e fez a decoração da nova sede da Posse com os alunos. Só que ele não gostou muito do resultado e está tentando conseguir mais tintas e materiais para preparar algo mais “elegante... assim, mais estilizado *hip hop*, que aquilo ficou a desejar”. Ele também estava afastado da Posse, pois, além do seu trabalho como servidor público municipal, estava terminando a monografia do curso de *design* em uma universidade privada da cidade.

Na organização das oficinas de grafite com o Binho, ele também se preocupava com a conscientização dos jovens que participavam. Ele não vê o grafite como uma arte vazia e sim uma arte política que tem sentido, que deve provocar debate. E o grafiteiro não pode ser um artista sem questionamentos:

Porque o nosso trabalho tá pra ser visto, apreciado e questionado e refletido. Não é só meramente chegar e grafitar, não. Tem que ter essa mensagem socioeducativa e política pras pessoas ter essa reflexão. E eu friso muito a questão da diferença do grafiteiro e do pichador, tá entendendo? O do bem, na cabeça, dos instrumentos, essa questão de diferenciar uma coisa da outra. Pichador é pichador, grafiteiro é grafiteiro (Zezão, 36 anos).

Enquanto guarda municipal, investido de alguma autoridade policial, o papel de Zezão era a manutenção de uma ordem imposta, ainda que de forma mais ou menos democrática. Mas Zezão também carregava a alma do artista politizado e provocador e que devia questionar esta mesma ordem que não atende aos seus desejos – mais um sintoma da identidade de um sujeito pós-moderno, por vezes contraditória e não resolvida¹⁷.

Enquanto Zezão atuava longe do seu bairro, Preto não abandonava o Guarapes por nada nesse mundo. Quando nasceu, sua família morava em outra região da cidade, mas desde muito pequeno, mudou-se para o bairro onde passou a maior parte da vida. Foi aqui onde ele, com menos de quinze anos, participou de todo o processo de formação da Posse e dos grupos que a antecederam. Hoje, ele sabe, precisamente, como definir o grupo:

¹⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, op. cit.

É um grupo de jovens que busca seus espaços na sociedade. Que vem da mesma camada social desprovida de oportunidade e que cava, que busca cada dia, essas oportunidades. É um grupo organizado que tem CNPJ, é uma associação que tem bandeiras de luta, que tem unidade política, que tem um viés ideológico, que luta pela melhoria da qualidade de vida de comunidade de jovens carentes que tá localizada na comunidade do bairro Guarapes, que tem 23 mil habitantes, que tem uma cultura que ainda não é uma cultura de leitura, e uma educação de igualdade com a outra parcela da sociedade de Natal. Então, na verdade, é isso. (Preto, 25 anos)

Mas nem sempre foi assim. Há cerca de doze ou treze anos, a Posse ainda era um sonho de criança. “Um sonho de crianças, de uma não, mas de crianças que conseguiu se tornar realidade. Não ainda 100% total, mas pelo menos a gente conseguiu tornar realidade”. E o sonho das crianças, devidamente mediado pela atual situação do grupo,

era ter um espaço nosso, que a gente pudesse ter tecnologia suficiente para produzir o que a gente gosta, que é música, pra gente poder promover isso que a gente gosta, que é isso que a gente faz, um trabalho social. E isso a gente consegue... tem. Talvez não na intensidade, não atingindo todas as metas, não atingindo todos os objetivos no campo da promoção de divulgação. Mas a gente conseguiu produzir, saca? (Preto, 25 anos).

No tempo dessa pesquisa, ele tinha a função de articular, de manter as pessoas unidas no grupo. Ele recebia e repassava as informações, reunia as pessoas para discutir as questões cotidianas, depois, levava o debate adiante. Era uma espécie de coordenador do grupo, mas preferia pensar que o próprio grupo é quem o coordenava. Para ele, o sonho incorporou-se à sua própria vida e não conseguia mais se dissociar da Posse.

Ela faz parte do dia a dia. Ela é um estilo de vida. Ela é um valor que a gente tem assim, entendeu? Então, ela faz parte. Ela é uma coisa que você está sempre em consonância com ela [...]. Você incorpora o jeito de falar, o estilo de andar. Você incorpora a maneira de se posicionar pelo viés ideológico, né? É uma linha, é algo que permeia a condução da batalha (Preto, 25 anos).

Dina, junto com Preto, também atuava na coordenação do grupo, mas também se sentia coordenada. Ela andava bastante ocupada naqueles tempos. Tanto que não conseguiu participar da entrevista completa para a pesquisa. Formada em serviço social, preferia não assumir o título. Ela não se sentia bem com o *status* que as pessoas atribuíam ao curso de graduação em um bairro onde só há escolas de ensino fundamental. Ela assumia mesmo que trabalhava com Juventude e contou como a cultura *hip hop* cativou o grupo de jovens que formaria a Posse anos depois.

Era uma coisa que você podia... que você pode falar de sua realidade. Tanto cantando, tanto dançando, como fazendo grafite. Você pode falar de sua realidade... é isso que o *hip hop* atrai, porque você pode falar de sua realidade de uma forma diferente, através da cultura. (Dina, 26 anos).

Preto e Dina, diferente dos outros jovens, seguiram além nos seus movimentos políticos. Saíram das “experimentações sociais ousadas” rumo a atuações mais institucionalizadas em esferas que vão além do bairro, seja na universidade, seja no campo de movimentos sociais mais amplos ou em organizações não governamentais que atuam na periferia – superaram o plano das astúcias e começam a aprender a traçar estratégias para sua atuação. Ainda assim, os dois compartilham as dificuldades que os outros jovens do grupo têm para se submeter às lógicas desses novos espaços. Acostumados a experimentar as “crueldades sociais” que atingem em cheio os indivíduos que vivem na margem da sociedade, aprenderam que não podem permanecer inertes¹⁸.

O desconforto do não encaixe nos espaços sociais, nesses jovens, tende a ser provocador de transformações por onde passam. Já demonstraram isso no próprio bairro, onde conseguiram convencer a população de que a Posse de Hip Hop, longe de ser um problema, busca soluções e transformações da realidade onde vivem. Seguimos em busca desses movimentos no cotidiano midiático de cada um, especialmente no ciberespaço.

¹⁸ TAKEUTI, Norma. Movimentos culturais nas “periferias” e inventividades sociais, op. cit.

A midiatização do dia a dia

Mesmo com a experiência do telecentro de acesso à *internet*, para muitos jovens e adultos do Guarapes, o mundo real ainda acabava onde as pernas alcançavam. Para alguns mais afortunados, o limite ia até o ponto final da linha de ônibus n. 59, na Praia do Forte, passando pelo centro da cidade. A mídia surgia, para muitos deles, como única saída para a expansão dos limites reais e das fronteiras simbólicas. E se, do lado de cá, a mídia assume grande relevância no cotidiano de cidadãos detentores de direitos, do lado de lá, o cotidiano midiático torna-se muito maior e pode ser, minimamente, uma das possibilidades de exercer um pouco de sua cidadania, com o direito de se informar e, com o acesso à *internet*, o poder de exercer também o direito de se comunicar.

Por isso, deslocamos o eixo do debate dos meios às mediações na análise dos processos de comunicação para compreender a articulação entre práticas de comunicação nos movimentos sociais e as diferentes temporalidades e matrizes culturais envolvidas¹⁹. Não qualificamos os consumidores pelos produtos midiáticos que escolhem por causa do distanciamento do uso que fazem deles²⁰, já que assumimos a extensão do processo midiático para além do ponto de contato entre seus textos e os leitores/expectadores²¹.

No Guarapes, os usos midiáticos pareciam ainda mais extensos. Uma rápida sessão de *internet*, por exemplo, podia se estender por meses dentro de um *pendrive* ou um tocador de músicas digitais. A televisão, na maioria das casas, ia muito longe através dos satélites, mas não alcançava o bairro ao lado no noticiário local. As notícias do Guarapes se construíam na rua, um noticiário era exibido em cada esquina, na barraca de tapiocas, na padaria ou numa caminhada pelas ruas.

Uma dinâmica que Silverstone²² chama de mediação e que trata da transformação de sentidos dos textos midiáticos e paramidiáticos em suas diversas linguagens e que nós, individual ou coletivamente, colaboramos para escrevê-los. Assumimos aqui que o *medium* não é apenas o dispositivo técnico, e sim o seu acoplamento a um fluxo comunicacional socialmente produzido. A midiatização assume papel central na vida cotidiana das pessoas e modifica seus modos de estar no mundo²³.

¹⁹ MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

²⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, op. cit.

²¹ SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

²² Idem, Ibidem.

²³ SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Os jovens do Guarapes, apesar de encontrarem obstáculos maiores para conseguir inserção nos processos comunicacionais contemporâneos, já não podiam mais prescindir do acesso às redes e tecnologias de comunicação sob pena de não conseguirem conectar-se a outros processos de mediação, ainda que de modo conflituoso, como a educação formal, o mercado de trabalho e, mais importante, todas as articulações em rede que faziam no movimento local, regional e nacional do *hip hop* e nos debates das políticas de juventude.

Na sociedade contemporânea, a constituição da esfera pública de debates passa a depender cada vez mais dos processos midiáticos²⁴ e torna-se fundamental aos cidadãos tomarem parte nessa conversação. Além de ter o direito de se informar, o cidadão deve ter a possibilidade e a capacidade de se comunicar, de transmitir informações, de fazer-se ouvir. A disseminação da *internet* traz possibilidades de democratização desse debate e tem potencial para transformar-se, ela própria, em uma esfera pública, compreendida aqui como a própria conversa, ou diálogo e intercâmbio de ideias²⁵.

A mídia de cada um

A partir dos dados coletados nas entrevistas e observações com os jovens do Guarapes, pudemos desenhar um panorama geral sobre as práticas midiáticas cotidianas de cada um deles. Até aqui, poucas surpresas: eles liam pouco no papel, raramente tinham acesso a livros e veículos de comunicação impressos; a televisão estava por perto ao longo de todo o dia e era o principal canal de comunicação com o mundo para a maior parte deles; a *internet* já entrara no cotidiano da maioria, ainda que o acesso fosse precário, feito principalmente em *lan houses* a um custo muito elevado em relação à qualidade do serviço.

Também não nos surpreendeu a frequência de acesso desses jovens às redes sociais, principalmente o Orkut e o Facebook, e aos mensageiros instantâneos, principalmente o MSN. A novidade estava na forma como

²⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984; FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: a Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Social Text*, Duke University Press, n. 25/26, p. 56-80, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/466240>. Acesso em: mar. 2013; GOMES, Wilson. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres P. S. *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

²⁵ GOMES, Wilson. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política, op. cit.

atuavam nesses espaços. Ao contrário dos discursos que criticam uma suposta ausência de objetivos nos usos dessas ferramentas e cobram um uso mais produtivista da *internet* (para que possam alcançar o mercado de trabalho?), os jovens do Guarapes sabiam bem o que iam buscar por lá.

Cada um deles, em sua rede social virtual, produzia intensos intercâmbios com o movimento do *hip hop* local, regional e nacional. Por lá eram produzidos debates sobre as políticas para a juventude e ainda eram conquistados novos territórios culturais na busca por referências para suas músicas, danças, grafites. Circulam pelas periferias dos Estados Unidos, Jamaica e pelo continente africano. A rede tornava-se uma janela para olhar para o mundo e descobrir-se a si mesmo, tornarem-se cidadãos em sentido intercultural, como propunham Giddens²⁶ e Canclini²⁷.

Cada um dos jovens construiu uma concepção sobre a rede mundial de computadores que pode nos esclarecer como o ciberespaço torna-se real para eles, a partir das suas condições materiais e simbólicas cotidianas. Curiosamente, para quase todos os jovens com quem conversamos, a noção de rede estava relacionada à “ampliação dos horizontes”, à redução das distâncias e à busca de conhecimento. Para Zezão, por exemplo, a *internet* “facilita a globalização das culturas” e garante o “acesso à informação de uma forma globalizada, global, mundialmente”. Para ele, a rede era um meio de romper barreiras, ultrapassar fronteiras, alcançar o mundo, onde quer que ele esteja, sem precisar sair de casa.

Zezão vivia no que Milton Santos²⁸ chamaria de “cidade global”, quando a interligação eletrônica entre as diversas localidades ampliaria a circulação de informações que são tanto locais quanto globais. O processo seria fruto de uma nova percepção do tempo, já que a simultaneidade estaria disponível para todos, o que criaria a ilusão do apagamento do espaço.

A televisão, há algum tempo, já trabalha nesse processo de apagamento do espaço. Os jovens no Guarapes não engoliam o tratamento dispensado à periferia na cobertura dos telejornais diários. Eles sabiam, por mais distantes que estivessem e sem que nunca tivessem estado por lá, que as favelas do Rio de Janeiro e os bairros pobres de São Paulo não eram celeiros de criminalidade ou a origem de toda a violência, pois sentiam na pele o mesmo estigma estimulado pela mídia local. De

²⁶ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

²⁷ CANCLINI, Nestór. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007; _____. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

²⁸ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

controle remoto em punho, os jovens percebiam que a troca de canais trazia uma variação de pontos de vista, mas que cada uma dessas variações estava alinhada aos interesses dos donos de cada emissora.

Para alguns, a saída era o botão de desligar. Desistir da televisão e apostar apenas na *internet* para conseguir informação e entretenimento foi a escolha de alguns desses jovens, mesmo que o acesso fosse irregular. Para outros, a alternativa estava na troca de canais, em busca de pontos de vista pluralizados e mais democráticos. Das antenas parabólicas, surgiam os raros exemplos de emissoras públicas como a TV Cultura e a TV Brasil – fundamentais para o processo de democratização da comunicação no Brasil, mas ainda muito frágeis, pouco valorizadas e assistidas.

Havia ainda a saída pela multimídia, com a conexão de um aparelho de DVD que daria acesso a filmes, vídeos e músicas que não passariam em nenhuma emissora de televisão ou rádio. Por fim, havia quem optasse por não pressionar nenhum botão. Eles permaneciam ligados na tela, de olho nos pontos de vista enviesados, prontos para reinventar, retrabalhar e desconstruir as informações que obtinham de uma fonte que, há tempos, descobriu-se não ser muito confiável.

Também aqui, os jovens experimentam não se encaixar no papel de telespectador, discutem com a televisão, discordam dela (ainda que ela não dê espaço para isso), contrariam as tendências de consumo ao sintonizar canais públicos e educativos, criam um circuito alternativo de exibição de filmes que jamais visitariam a cidade e ressignificam, na rua, os textos e as concepções propaladas pela mídia.

Ousam criar um movimento de questionamento da televisão, mesmo que suas táticas não sejam suficientes para provocar mudanças nesse meio de comunicação – movimentam-se no campo de visão do inimigo, no espaço controlado por ele²⁹. Por outro lado, as emissoras de televisão começam a observar essas atitudes e tentam se transformar para não perder o público.

A libertação na escolha dos conteúdos, para todos os jovens, veio com a *internet*. O teclado numérico do controle remoto deu lugar ao teclado alfanumérico do computador. Muito mais teclas, muitas possibilidades. Com a busca do Google, eles fazem a programação, na hora que for mais conveniente, em busca de seu próprio ponto de vista, já que na *internet* é possível encontrar muitas opiniões diferentes e, melhor, discordar de todas elas.

²⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, op. cit.

Confrontada com a televisão brasileira – oligopolizada, centrada no eixo Rio-Brasília-São Paulo, porta-voz das elites e que ensaia os primeiros diálogos com camadas mais populares (que só agora ampliam seu poder de consumo) – a *internet* aparece como um espaço de liberdade, onde cada internauta pode interferir de forma aparentemente direta, circular por recantos esquecidos, ouvir vozes ocultadas.

A caixa de pesquisa em branco aponta para um novo mundo potencialmente aberto à exploração. Diante do cursor piscante, o internauta pode tudo, pede tudo e, muitas vezes, acredita alcançar seu objetivo de forma livre. No entanto, no espaço de microssegundos entre o pedido da busca e a exibição de resultados atuam algoritmos construídos a partir de demandas de interesses reais, principalmente econômicos e financeiros, mas que, em momentos específicos também cedem a pressões políticas e ideológicas. Interesses ocultados por uma espessa camada matemática de números e códigos que escondem o tamanho da indústria que faz girar a rede mundial de computadores e que podem comprometer a liberdade de internautas por todo o planeta, inclusive dos jovens do Guarapes.

Preto, entretanto, nos ajuda a relativizar a questão apontando como as navegações no ciberespaço podem, sim, constituir espaços de liberdade no contexto dos jovens da Posse de Hip Hop.

Se a televisão é o meu entretenimento, a *internet* é o meu fortalecimento e meu aprimoramento de informação [...]. Eu não sei muito, eu não sei nada... mas o que eu sei, de alguma forma, eu tento socializar com os outros. Eu tento colaborar com os demais [...]. O mínimo de informação que os telejornais lhe dão é direcionada, diferente da *internet*... que eu pego um posicionamento aqui, pego um posicionamento acolá, eu tenho como confrontar (Preto, 27 anos).

Para estes jovens, conquistar o ciberespaço, ainda que sob a tutela de grandes empresas internacionais, representa a ampliação dos seus espaços de liberdade, outrora limitados a algumas poucas ruas do bairro, ao elevado custo da passagem do transporte público, a alguns canais na televisão a difundir pontos de vista dominantes, a limitados fluxos de ideias.

Se a atuação política dos jovens da Posse reinventa as possibilidades da política tradicional e ocupa espaços onde esta não alcançaria, essas reinvenções são também refletidas no cotidiano midiático de cada um deles, seja na televisão, seja no ciberespaço. Se não podem aceitar a

realidade onde vivem e atuam para transformá-la, da mesma maneira e com táticas semelhantes, questionam a mídia que lhes é oferecida e buscam alternativas onde quer que as brechas apareçam.

Para navegar no ciberespaço, cada um deles desenvolveu uma dinâmica específica que se adapta ao local em que acessam, ao tempo que têm disponível (o que pode variar de acordo com o dinheiro que tem reservado). A velocidade da conexão também determina o que podem, o que não podem e o quanto podem fazer de cada vez. Cada um deles também desenvolveu hábitos peculiares de uso, que terminam por definir o seu cotidiano ciberespacial.

Afro já tinha uma estratégia para o uso da *lan house* que variava de acordo com o dinheiro disponível no momento. Com dois reais, “dá pra ver um bocado de coisa”; com um real e cinquenta, “tô olhando, mas já tô assombrado”; Com um real, “não dá tempo pra nada”. Afro tinha crédito na *lan house*, mas não usava de jeito nenhum. “De tanto que eu acesso lá, a dona disse que eu posso pagar no fim do mês. Mas quero não, que eu avicio. Já cheguei a ficar devendo vinte conto de *internet* num mês” (Afro, 39 anos).

Se era assim para Afro, não era diferente para os outros jovens. O custo do acesso não é uma variável que podem controlar. Aqui não há a opção do desencaixe, não há como não se adaptar. Curiosamente, mesmo sem dinheiro, os jovens preferiam não utilizar o telecentro público e gratuito. Por lá, o acesso não era cobrado em dinheiro, mas sim em bloqueios que impediam que a experiência desses jovens fosse plena no ciberespaço – como o bloqueio a redes sociais, mensageiros instantâneos, vídeos e *downloads* de conteúdo. As restrições impostas pela política pública, sem diálogo com a realidade local, muitas vezes pareciam mais caras que o valor monetário da *lan house*.

O pedágio cobrado aos jovens para a chegada ao ciberespaço parece contradizer os princípios da sua estruturação. A nova ecologia das mídias que estaria em formação nas bordas do ciberespaço, segundo Pierre Lévy⁵⁰, só conseguiria levá-los a uma experiência de inteligência coletiva, fossem menores as barreiras. Lévy lembra ainda que, por trás das técnicas e tecnologias, encontram-se todos os mecanismos que movem a sociedade, inclusive os da exclusão, seja por interesses econômicos ou por estratégias de poder.

A rede não ocupava um tempo significativo para a maioria dos nossos entrevistados. Com exceção de Preto, os outros jovens passavam de uma a duas horas diárias na *internet*, sendo que Rafa só conseguia

⁵⁰ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ficar conectado de duas a três horas por mês. No nosso grupo, Preto tinha *internet* no trabalho, Zezão e Binho acessavam de casa e Afro e Rafa usavam a *lan house* do bairro. Para Preto e Binho, a *lan house* era a segunda opção no acesso e voltaria a ser a primeira, caso Preto saísse do emprego ou Binho não pudesse mais pagar a conexão em casa.

Esta é a primeira barreira enfrentada pelos nossos jovens. Mesmo com a conexão em casa, Binho não sabia por quanto tempo poderia pagar pelo serviço, além do mais, sem fiscalização, era comum que a conexão falhasse e o serviço demorasse dias para ser restabelecido. Para Preto, o limite da conexão era o contrato de trabalho, que já tinha data para acabar. Depois disso, voltaria para a *lan house* com todos os problemas enfrentados por Rafa e Afro, como a conexão lenta e instável, além do preço, nem sempre acessível. Com este cenário, a *internet* estava bem longe de se constituir enquanto uma esfera pública por aqui. Para isso, seria preciso pensar políticas que garantissem o acesso à rede para todos os cidadãos, requisito fundamental conforme proposta de Habermas³¹.

No caso de Rafa, ficar desempregado significou também transformar toda a sua rotina no ciberespaço. Se antes ele sabia quando e por quanto tempo poderia usar, já não tinha nenhuma regularidade no uso. Uma vez que ia à *lan house*, não sabia quando poderia voltar. Além do mais, com a conexão lenta, não conseguia ter acesso aos conteúdos que mais precisava, como músicas e vídeos, o que contribuía ainda mais para que a *internet* deixasse de ser prioridade. No caso de Afro, o dilema era entre a *internet* e o celular, dois meios fundamentais para o seu dia a dia. O celular vencia algumas vezes.

Tais impedimentos no acesso à *internet* não devem ser tratados apenas como alterações no cotidiano particular de cada um desses jovens. Na sociedade da comunicação, o acesso às tecnologias determina as posições sociais³². Os bloqueios de acesso impedem que os jovens alcancem informações e oportunidades materiais e simbólicas que, por sua vez, impedem que eles ajudem a propagar os ideais de inclusão geral propostos para esta sociedade da comunicação, o que pode explicar a necessidade de manterem-se devidamente desencaixados dos seus papéis.

Há, ainda, uma outra espécie de bloqueio que se apresenta sutilmente cada vez que os jovens se conectam. A frequente trinca Facebook + Orkut + MSN dá mostras de quão significativo é o domínio de grandes empresas sobre as informações que produzimos e acessamos na rede.

³¹ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*, op. cit.

³² STOCKINGER, Gotfried. *A sociedade da comunicação. O contributo de Niklas Luhmann*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.

Facebook, Google e Microsoft, juntas, são muito maiores que várias economias do planeta e detêm um volume de informações incomensurável, o que pode tornar-se uma ameaça a direitos fundamentais como a privacidade, por exemplo.

A cada clique, a cada conexão operam potenciais mecanismos de controle que, se não castram a liberdade do internauta, podem limitar sua experiência e, arbitrariamente, impedir seu acesso a serviços e redes aparentemente públicas e abertas – como o Gmail, Hotmail, Orkut ou Facebook –, mas que são, na verdade, espaços privados operados com interesses eminentemente comerciais.

Mesmo assim, os bloqueios da rede não são absolutos. Cada um dos nossos jovens encontrou brechas importantes e conseguem navegar no ciberespaço de forma produtiva e conquistam terreno, ao mesmo tempo, no mundo virtual e no mundo concreto. As informações conquistadas na rede voltam ao cotidiano para produzir novas ideias que passam a demandar novas informações. Táticas que, como proposto por Certeau⁵⁵, garantem a mobilidade desses jovens pelo ciberespaço e estão cada vez mais disseminadas globalmente e desancoradas de seus locais de origem.

Binho ilustrava a questão ao mostrar o que mudara no seu dia a dia após a *internet*. Naquele momento, segundo ele, estava sempre em busca de novidades.

A mente da pessoa fica muito focada ali, você pesquisa mais, tem mais conhecimento, acesso fácil a esse conhecimento [...]. Antes de conhecer a *internet* eu ficava em esquina, dava um desgosto porque num tinha nada pra fazer, como ao meio-dia, eu almoçava e ficava em casa, ou então ia pra esquina, era muito chato, agora ficou mais fácil. (Binho, 27 anos).

Rafa acreditava que, sem a *internet*, ainda não estaria cantando ou produzindo música. Sem a rede, ele nem sequer conheceria o *rap* da Jamaica, sua principal fonte de inspiração e suas mais fortes referências culturais. Zezão é outro que buscava referências na rede para produzir sua arte. Pela rede, estava em contato com grafiteiros do mundo inteiro e conseguia seguir as tendências, os novos estilos, as novas tipografias. Além das referências artísticas, Zezão buscava ainda referências para suas ações políticas, seus projetos profissionais. É a rede quem trazia acesso a novas ideias sobre meio ambiente, associativismo

55 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, op. cit.

e cooperativismo, e reciclagem de lixo para geração de renda, temas que norteavam sua navegação.

Para Afro, a rede é um espaço de comunicação, de libertação. Para ele, a *internet* servia para fortalecer amizades, “a pessoa chegar junto”. Ele contou que, graças à rede, fez amizades com pessoas espalhadas pelo mundo e mesmo com pessoas que moram no próprio bairro. “Muita gente que mora aqui e nunca falou comigo, mas mandou convite. Fiquei até amigo por causa da *internet*. As notícias da televisão também não eram as mesmas depois da *internet*. Muitas delas deixavam Afro com uma pulga atrás da orelha que só o deixava em paz depois de descobrir mais informações e reinterpretar os fatos na rede. Com mais informação, ele desconfiava do que antes considerava verdade e ainda completou: “com a *internet*, só é burro quem quer”.

Afro creditava à tecnologia muito mais do que ela pode lhe garantir. É um processo comum na juventude, segundo aponta Wolton⁵⁴, quando deixam de reconhecer as desigualdades da rede por uma utopia igualitária. Esquecem, no entanto, que por trás da estruturação das redes, em geral, e da *internet*, existe uma produção cultural e um modelo social atrelados, processos muitas vezes excludentes, como os que eles já conhecem bem.

Ainda assim, o acesso a outros horizontes trazidos pela conexão à *internet* faz com que esses jovens diversifiquem seus repertórios de mundo, descubram outros modos de vida, encontrem novas referências artísticas. Tudo isso, agregado às suas dificuldades de encaixe no papel que lhe fora imposto socialmente, os possibilita construir rotas alternativas e desenhar novos cenários que, mesmo que em sentido utópico, lhes garantem novas energias para seguir em movimento.

O acesso à *internet* (e não somente ele, é claro) mudou a percepção dos jovens sobre o próprio bairro. Hoje eles são capazes de reconhecer pontos positivos (as belezas naturais, o convívio entre os moradores, os movimentos culturais) e até valorizá-los na *internet* através de vídeos, fotos e textos em suas redes sociais. Até mesmo um videoclipe musical cumpre o papel. Os jovens passaram a compreender que são detentores de direitos e passaram a cobrá-los. Olhar para mais longe, transformou o olhar sobre eles mesmos.

Era o caso de Preto. Se desde o seu primeiro acesso, explorava sua atuação política através da rede e, passou a servir-se dela para articular nacionalmente, ganhar visibilidade e tornar-se referência nos temas da juventude. Visibilidade que o levou ao seu atual emprego em um *site* da

54 WOLTON, D. *Internet e depois?*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

internet, trabalho que, agora, pode levá-lo ao ensino superior, em uma área essencialmente ligada às redes, a comunicação social.

As articulações e movimentos de Preto foram, claramente, potencializadas pela *internet*. Assim como os outros jovens, Preto entrou em contato com uma diversidade de atores sociais e políticos que lhe indicaram meios para transformar toda a sua revolta adolescente em um movimento político. Um jovem marginalizado que negava qualquer possibilidade de se integrar à sociedade, passou a aproveitar sua inserção para transformar os espaços onde atua. Se antes entrava em conflito com a escola, começou a se preparar para os exames de ingresso ao ensino superior e decidiu filiar-se a um partido político.

Seu trabalho como DJ também ganhou muito com a articulação virtual. Suas produções passaram a ir mais longe do que iriam pelas rotas reais, seus contatos não se submetiam mais às limitações do mundo real e se realizavam virtualmente. Além disso, conectado, Preto participava de forma atuante do movimento nacional do *hip hop* e conseguia conectar todo o seu grupo ao levar e trazer informações e debates para turma da Posse que não andava tão conectada assim.

Preto era exceção no grupo. A maioria dos jovens do Guarapes pouco mostravam suas caras nas ondas do ciberespaço. O custo do acesso na *lan house*, a lentidão da conexão, o acesso irregular e esporádico apenas já seriam explicações suficientes, mas é preciso acrescentar outros impedimentos que podem levar jovens que produzem conteúdo cultural na vida real, não o façam alcançar as redes virtuais.

Não faltavam equipamentos. A Bodega Digital tinha instrumentos musicais, equipamentos de gravação, câmera de vídeo e fotografia e um computador desconectado da *internet*. Também não faltavam pendrives para carregar conteúdos para cima e para baixo do ciberespaço. À primeira vista, o cenário parecia propício para conquistar a *internet*.

Olhando mais de perto, percebemos que os equipamentos não são tão simples de operar. Sem orientação, leva tempo para conseguir fazer tudo funcionar bem. Depois, é preciso conquistar as ferramentas na rede, o que não é tão difícil, mas é preciso tempo – no nosso caso, tempo quer dizer dinheiro – é preciso também muita paciência para esperar a lenta resposta da *internet* do Guarapes – o que significa pedir ainda mais dinheiro.

Mas o problema não se resolve apenas com as questões técnicas. Para os habitantes do “arquipélago digital”⁵⁵ não faz mais sentido perma-

55 STRAUBHAAR, Joseph D. Global, Hybrid or Multiple? The New Cultural Geography of Identities. In: Anais. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –

necer fora das redes virtuais. Na maioria das situações, do lado de cá, tornou-se natural apostar apenas no ciberespaço. Para os jovens do Guarapes, mesmo em tempos de música virtual, ainda faz muito mais sentido gravar um CD, produzir várias cópias e fazer circular por ali mesmo, pelas redes sociais concretas.

[...] não é um processo, tipo “hoje eu vou postar uma música”... pra nós é uma dificuldade, uma barreira... pra um cara ali é muito fácil já... já cresceram ali dentro desse universo. Crescemos excluídos desse universo tecnológico. Não é tão fácil aprender a mexer lá com a informação da gente. Então, aos poucos a galera tá pegando esse bonde. Já estamos utilizando (Preto, 27 anos).

Aos poucos, a rede vai ganhando novos sentidos para os jovens do *hip hop*. Se hoje representa apenas um espaço de liberdade, já há sinais claros de que logo o grupo vai assumir novos papéis no ciberespaço.

Considerações finais

As conexões são limitadas, mas as consequências delas se estendem e ocupam cada vez mais espaço no cotidiano de cada um dos jovens no Guarapes, sozinhos ou organizados em grupo. E, infelizmente, essas condições não são exclusivas de grupos como a Posse. Por todo o Brasil, em bairros periféricos ou centrais, as possibilidades de comunicação são escassas, seja pela concentração nos meios de comunicação eletrônicos, como o rádio e a televisão, ou pelo monopólio das empresas de telefonia na disponibilização do acesso à *internet* a preços exorbitantes.

Por outro lado, as escassas políticas públicas desenhadas para o setor, transformam-se para atender interesses econômicos das grandes operadoras de telefonia e terminam por desconectar-se da real necessidade da população. O exemplo mais recente é a Banda Larga Popular, a que se reduziu o Plano Nacional de Banda Larga, anunciado em 2010. A oferta de pacotes econômicos de *internet* é rejeitada por 44% da população, que não está disposta a pagar pelo custo dos pacotes. Na classe C, por exemplo, em que 76% das pessoas não têm acesso à *internet* por, principalmente, empecilho financeiro, 61% das pessoas não está disposta a

pagar mais que trinta reais para ter *internet* em casa⁵⁶. Os pacotes econômicos oferecidos pelas operadoras não devem sair por menos de 35 reais.

Mesmo assim, a política do governo aponta para a individualização do acesso à *internet*, o que realizaria o sonho de muitos dos nossos jovens, mas esvaziaria espaços interessantes como a PH2LM. Ainda que o processo de comunicação estimule as interações virtuais, a experiência midiática não pode se reduzir a isso e é preciso estimular a criação de espaços para ações coletivas e para produção de comunicação interativa real.

Estes são alguns dos resultados de uma pesquisa que parecia não ter fim quando começamos o mestrado. Terminada a etapa, a aparência se confirma e a dissertação resultou apenas em um singelo começo. Os dados da pesquisa revelam que, na ainda imatura democracia brasileira, a cena dedicada à comunicação está atrelada aos interesses e relações antigas e pouco democráticas. Isso se reflete em um cenário de desregulamentação que contribui fortemente para a manutenção do ambiente atual, concentrador e excludente. Cenário que tem um sintoma subjetivo nefasto: uma sociedade que não conhece o seu direito à comunicação, reforçada por um Estado que não assume a missão de sua efetivação, produz cidadãos que não sabem que podem se comunicar.

E não é mais possível perpetuar essa situação, sob pena de, ainda mais, enfraquecer nossa democracia. A comunicação é um direito, e como tal, é fundamental para realização da plena cidadania, uma vez que contribui para a efetivação, inclusive, de direitos sociais e econômicos como a saúde, a educação e o trabalho dignos. Agora, quando toda a mídia converge para a *internet*, é preciso reforçar o coro de movimentos que lutam para garantir o reconhecimento do acesso à rede mundial de computadores como um direito fundamental. E se nem todos teremos condições de pagar por um direito, é função do Estado, com os recursos de toda a sociedade, pagar a conta e atuar para que a comunicação não caia na vala comum das mercadorias.

Sobre o autor

Iano Flávio de Souza Maia

⁵⁶ OBSERVATÓRIO do Direito à Comunicação. Banda larga por R\$ 35,00 é rejeitada por 44% da população. 15 de julho de 2011. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=8042. Acesso em: ago. 2011.